

Em prelúdio...

Bernard NOMINÉ

Grailhen, 17 de agosto de 2007.

Para responder ao pedido de Dominique Fingermann e Ramon Miralpeix, tomo de bom grado a pena e lhes ofereço alguns elementos da reflexão que em mim suscita o tema de nossas próximas Jornadas Internacionais. Em primeiro lugar, essas jornadas se realizarão em São Paulo, e devo dizer que me encanta a idéia de me ver lá de novo. Essa cidade não tem uma vocação turística, isso quer dizer também que quando lá se está não se tem o sentimento de ser um turista, mas o de poder incorporar-se à multiplicidade das culturas que ali se freqüentam e sentir-se participando dessa comunidade que palpita de vida. A comunidade dos psicanalistas não desmerece essa ambiência geral, e tenho em minha memória lembranças inesquecíveis de momentos de convivência com nossos colegas e amigos paulistas.

Então nossas Jornadas Internacionais serão paulistas. E não tenho dúvida que nossos colegas saberão prepará-las com cuidado. Mas cabe a cada membro de nossa Escola preparar-se para elas, tanto mais que esse encontro de São Paulo será também a oportunidade de refletir sobre a experiência de nossa Escola.

Se o lugar de nosso próximo encontro me é atraente, o tema igualmente o é. O tempo é um real com o qual a psicanálise tem particularmente de se haver. A tal ponto que, parece-me, se deveria, como Lacan nos sugeriu no fim de seu ensino, encarar o tempo como uma das presenças do objeto *a*.

Poder-se-ia facilmente evocar sua versão objeto perdido: é o tempo que nos falta, aliás o único tempo que é apreciado. Quando se crê ter todo o tempo, ele não é medido, antes se está na miragem intemporal da repetição. O inconsciente participa amplamente dessa ilusão, ele que não mede o tempo que passa. Entretanto, essa medida é o que o condiciona, pois como definir de outra forma esse inconsciente, senão como o que está em busca do tempo perdido?

Poder-se-ia considerar esse tempo como um objeto da alienação. O tempo é sempre o do Outro que me espera, que me apressa para responder a sua demanda. Existe aí toda uma clínica a ser desdobrada entre aqueles que se empenham em fazer como se ignorassem que se possa esperá-los, mas cujo desejo lhes impõe recorrer ao estratagema de inventar-se um Outro para atormentá-los até o último minuto. E há também aqueles que, ao contrário, antes estariam sempre prontos para não ter de confrontar-se com o Outro e sua falta. Porém o mais novo e sem dúvida o mais proveitoso seria o esforço para considerar esse objeto em sua versão real e lógica. Poderá ser observado então que além de sua versão objeto faltante ou objeto do Outro, esse objeto tempo jamais é percebido, ainda que esteja sempre ali operando e especialmente na experiência do analisante como na do ato do analista. Para mim é um pouco cedo para dizer mais a respeito por enquanto, mas será provavelmente nessa pista que terei de me apressar quando chegar a hora.